

A assembleia litúrgica como lugar hermenêutico originário da Palavra de Deus: teologia da Palavra na liturgia

*Leonardo Gonçalves da Costa*¹

Resumo: O tema da presente pesquisa é a assembleia litúrgica como lugar hermenêutico originário da Palavra de Deus. O principal objetivo deste trabalho é identificar no contexto da liturgia dominical o caráter teológico que a Palavra de Deus possui. Assim sendo, após uma explanação a respeito do lugar da Palavra no seio do sinal-assembleia, fundamentado pela teologia bíblica presente em textos seletos do Antigo e Novo Testamentos, procurou-se levantar os dados teológicos que auxiliam na compreensão do valor celebrativo da Palavra de Deus no contexto da assembleia litúrgica. O escopo desta pesquisa é contribuir, ainda que de forma bastante explanatória, com a investigação de um tema teológico atual sob o ponto de vista da Palavra de Deus celebrada, de tal modo que se possa adentrar mais neste campo de investigação litúrgica, auxiliando assim, o escopo da compreensão teológica e ministerial na vida da Igreja. A perspectiva metodológica utilizada foi a pesquisa bibliográfica a partir de autores chaves para o tema proposto.

Palavras-chaves: Teologia. Assembleia. Palavra. Liturgia.

Abstract: The theme of this research is a liturgical assembly as an original hermeneutical place of the Word of God. The main objective of this work is not to identify any Sunday liturgy context or theological character that the Word of God has. Thus, after an explanation about the place of the Word within the sign-assembly, based on the biblical theology present in selected texts from the Old and New Testaments, considering to raise the theological data that help to compose the celebrative value of the Word God in the context of the liturgical assembly. The scope of this research is to contribute, albeit in a very explanatory way, with the investigation of a current theological theme from the standpoint of the celebrated Word of God, so that this field of liturgical investigation can be further explored, thus helping, or scope of theological and ministerial understanding in the life of the Church. A methodological perspective used for bibliographic research based on authors' keys for the proposed theme.

Keywords : Theology. Assembly. Word. Liturgy.

INTRODUÇÃO

Se olharmos para a história da salvação vivida no hoje da assembleia litúrgica e transmitida pelas Sagradas Escrituras, veremos que ela é o sinal pulsante e fiel da Revelação de Deus. Esse caminho pode ser reconhecido tanto pela trajetória do povo de Israel que sob inspiração de Deus, coloca por escrito o testemunho da revelação em forma de palavras humanas

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ), aluno de mestrado do programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), bolsista pelo sistema capes/CNPq. E-mail: lgc.1995@hotmail.com

inspiradas, quanto pelo caráter celebrativo, marca constitutiva desse povo. Isto vem bastante evidenciado nas letras da Constituição sobre a liturgia, quando afirma que:

Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica. [...] Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo “o que se referia a Ele em todas as Escrituras” (Lc. 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual “se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte”, e dando graças “a Deus pelo Seu dom inefável (2 Cor. 9,15) em Cristo Jesus, «para louvor da sua glória” (Ef. 1,12), pela virtude do Espírito Santo (BECKHÄUSER, 2012, p.21).

Esta Palavra de Deus revelada e celebrada no contexto de uma assembleia cultual é o dom por excelência que comunica o mistério divino a um povo. Deus se revela e dá sua palavra a fim de convocar, falar e selar uma aliança com seu povo. Nesse sentido, visa estabelecer uma relação de diálogo com todos os que a acolhem, a celebram e são por elas alimentados. Deus fala ao seu povo por meio de palavras humanas e, de modo definitivo por meio de Jesus Cristo, verdadeira Palavra (Lògos) do Pai (Jo 1, 1). Ele se faz conhecido, se faz próximo e estabelece uma relação definitiva por meio do Filho. A Palavra exprime e manifesta aquilo que Deus é; em certa medida, ela revela o mais íntimo da existência de Deus, seus desígnios e sua natureza comunal. Deste modo, é na comunidade dos fiéis que esta palavra adquire seus status de sacramento vivo e eficaz da graça de Deus.

Quando a palavra é verdadeira, ela tende a criar amizade, relação, diálogo. Ela revela o ânimo de quem fala e suscita uma reação. A partir disso, se estabelece um encontro entre duas pessoas. Por mais que as vezes as palavras humanas estejam longe deste ideal de fraternidade, pois, também podem gerar divisões e desuniões, por conta do egoísmo e do pecado, deve-se ter em mente que, a palavra humana tem que ser um reflexo do diálogo que o próprio Deus estabelece por meio de sua Palavra com a comunidade reunida.

Esta analogia nos permite compreender um pouco como Deus fala por meio de palavras humanas a fim de ser transmitida, escutada, acolhida e que, de fato, exige uma resposta individual e comunitária. Também Ele faz uso deste mecanismo para criar um diálogo com o ser humano. Quando Ele fala, revela-se a si mesmo e os desígnios de sua Pessoa. Deus exprime algo de si e revela ao seu povo o seu amor na forma do plano da salvação. Esta revelação que Ele faz de si através de sua Palavra é prova fundamental de seu desejo de amizade com o homem de todas as épocas (Jo 15,15).

Dentro de uma breve perspectiva bíblico-litúrgica, procuraremos abordar o caráter assembleal da Palavra de Deus a partir de duas assembleias que emergem como paradigmas da compreensão teológica dessa dinâmica celebrativa em torno da palavra proclamada em uma assembleia litúrgica, são os casos de Ne 8,1-12 e Lc 4,16-21. Com base nessa proposta, busca-se compreender um pouco mais o modo como essas assembleias celebram o dado revelado e, como estes modelos iluminam a compreensão da Igreja nos dias de hoje, sobretudo pelo viés pastoral da ministerialidade.

1 A PALAVRA DE DEUS NO CONTEXTO DO SINAL-ASSEMBLEIA

Compreender o sentido bíblico-litúrgico da Palavra nas assembleias litúrgicas é essencial para que ela seja entendida na dinâmica de um diálogo com o Criador e, sobretudo, no contexto do desígnio salvífico em convocar, falar e selar uma aliança com seu povo. Sendo Deus o legítimo autor das sagradas letras, sua Palavra ressoa nos corações de toda a humanidade congregada em assembleia em seu nome por meio da ação sacramental do Cristo na Igreja. Este percurso nos aponta para a imensa importância do conteúdo da revelação de Deus ao longo de cada momento da história do povo de Israel e, de seu ápice com a encarnação do Verbo Eterno, Jesus Cristo (Hb 1, 1-5). Deste modo, como afirma Adrien Nocent (1975, p.172), podemos compreender de que maneira a vida da Igreja gravita ao redor da dinâmica da palavra celebrada:

Assim como não se pode considerar os sacramentos como de existissem em si mesmos, sendo a Igreja apenas deles depositária, também não se pode considerar a Sagrada Escritura como exterior à Igreja. 'As Escrituras fazem parte de sua substância; são uma de suas estruturas essenciais'. É na Igreja que a liturgia dá à Palavra sua atualidade viva e faz, de sua proclamação, uma intervenção atual de Deus, acontecimento para a Igreja e para o mundo que ela transforma.

Na história do povo de Israel podemos constatar que Deus vem ao encontro do homem e se faz conhecido (Gn 12, 1). Ele estabelece proximidade e toma partido da vida do seu povo. No centro desta experiência da revelação, está o Deus que se interessa pelo ser humano e não é alheio a sua história, mas sim o seu condutor. O progressivo desenvolvimento das Sagradas Escrituras nos mostra que, "a história é para Israel o lugar de encontro com Deus" (DÍAZ, 2015, p.66), esta realidade nos diz como o povo se relaciona com Deus à medida que este convoca, fala e sela uma Aliança com o povo congregado em assembleia.

A celebração da palavra segue na história, enquanto proclamação solene, o itinerário bíblico-existencial da assembleia reunida às bases do Sinai (Ex 19; 24; 34). Nesta assembleia sinaítica, prevalece o caráter da convocação por parte de Deus; a leitura do livro da revelação entregue a Moisés; a adesão por parte do povo que acolhe o que é transmitido e; o selamento da Aliança com o sinal do sangue derramado sobre o povo (GELINEAU, 1975, p.41). Esta celebração sempre esteve intimamente ligada ao contexto histórico-litúrgico do povo de Israel,

de modo que a leitura cultural da Palavra de Deus é o traço característico mais emblemático do povo que a celebra, memorando aos tempos antigos deste povo (At 15, 21).

De acordo com o pensamento de Gustavo Correa Cola, o evento do Sinal constitui o sinal primordial da manifestação e celebração da iniciativa de Deus em associar-se a um povo, tornando com isso, “sacramento da convocação salvífica de todos os povos” (COLA, 2020, p.27). A partir disso, podemos notar que esta evidência é litúrgica e assembleal. Além do mais, são capazes de serem constatadas pelo costume da leitura/proclamação do Livro da Lei diante da assembleia reunida, em determinadas épocas do ano judaico. No entanto, tais fatos carecem de fontes mais precisas para uma apuração mais fidedigna do desenvolvimento histórico-litúrgico desta prática cultural da Palavra de Deus.

É neste caso onde intuímos que, as duas assembleias elencadas como paradigma teológico são, por assim dizer, modelos referenciais para uma compreensão a respeito do caráter celebrativo em torno da Palavra de Deus. Estes modelos lançam luzes sobre a estrutura da celebração e elementos fundamentais que nos possibilitam adentrar no mistério de Deus enquanto ser relacional. Apesar do limite dos dados históricos, a Sagrada Escritura dá indícios das possíveis raízes judaicas da celebração em torno da Palavra. No decurso atual das investigações, há uma forte tendência no que diz respeito à conexão existente entre o culto cristão das origens e o contexto litúrgico judaico, especificamente no que está relacionado à liturgia da Palavra (BORÓBIO, 2002, p.42).

O costume da leitura cultural da Palavra de Deus era recorrente na história do povo de Israel, como nos atestam os textos bíblicos. Esta experiência celebrativa da Palavra, apesar dos problemas históricos acerca de sua origem precisa, necessita de mais desenvolvimento e encontra respaldo tanto na Sagrada Escritura (Dt 31,10-13; Ne 8,1-8; Lc 4, 16-19; At 13,15) como também no *Talmud* babilônico e na *Mishna* (SANTE, 1989, 138).

Entretanto, a partir da fonte principal, isto é, a Sagrada Escritura, conclui-se que não restam dúvidas a respeito da prática cultural da palavra e sua importância para o povo da aliança. Ainda que, os textos ofereçam uma aceitável compreensão com relação à realidade assembleal em torno da Palavra de Deus, Boróbio afirma que “a religião judeu-cristã se refere fundamentalmente a acontecimentos históricos” (2002, p.42). Isto corresponde, a saber, as alianças estabelecidas por Deus na história do povo de Israel e nos induz a intuir que era uma prática bastante comum no contexto pós-exílico.

A assembleia é sinal perene, ainda que incompleto, do povo da aliança. Em conformidade com J. Gelineau (1975, p.47), há sempre um sentido social e religioso que impulsiona os homens a se congregarem em comunidades religiosas a fim de prestar um culto. Dentro desta perspectiva, podemos identificar que o ato de “estar juntos” é característico da composição assembleal. Dito isso, podemos concluir que Deus fala e se revela na história de um povo, por meio de uma dinâmica única e exclusiva. Sua Palavra constitui-se como lei, revelação, promessa de vida e exige do ser humano um assentimento existencial e comunitário na fé. Ela constitui-se como caminho e regra de vida, plasmando assim a comunidade que a escuta

e acolhe na proclamação solene (BOSELLI, 2014, p.110). Ao mesmo tempo em que esta palavra pede uma resposta do homem reunido em assembleia, tira-nos da passividade de apenas ouvintes ou expectadores da vida e nos coloca como eixo da dinâmica relacional com Deus. Desse modo, a assembleia se torna o lugar mais propício para a interpretação das escrituras.

É no contexto da assembleia celebrante, como evidenciaremos a seguir, tanto do Novo quanto do Antigo Testamento que, a matriz fundamental da reunião litúrgica é constituída. Sendo assim, “a liturgia cristã conservou intacta esta concepção bíblica de assembleia, afirmando que a Igreja está lá onde o povo de Deus está reunido” (BOSELLI, 2014, p.105).

1.1 UMA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA NO ANTIGO TESTAMENTO: NE 8, 1-12

O relato bíblico descrito no livro de Neemias, remete-nos a uma compreensão solene da proclamação da Lei, por meio do escriba Esdras, diante de uma assembleia convocada em Jerusalém após o retorno do exílio na Babilônia (BOSELLI, 2014, p.56). Diante desta assembleia, verdadeiramente litúrgica por seu caráter intrínseco, três elementos fundamentais emergem como luzes para a compreensão de sua natureza assembleal e profundamente teológica, são eles: a) a comunidade reunida em assembleia; b) o livro das Escrituras canônicas; c) o leitor que proclama a leitura.

Dentro deste panorama bíblico-litúrgico, Giraudo (2008, p.72) destaca esses traços elementares fazendo os devidos apontamentos teológicos a respeito da natureza desta assembleal cultural e dos componentes que a estruturam. Conforme o pensamento do autor, a perícopa de Neemias (8,1-12) compreende a “descrição mais articulada de uma celebração veterotestamentária da Palavra de Deus”. Seguindo o itinerário do autor, a reunião constituída pelos sobreviventes da deportação do exílio congrega todos “como um homem só” ao redor da proclamação da palavra em um mesmo dia e lugar. Nesse sentido vale ressaltar que, é pela escuta desta mesma Palavra que Israel se constitui como povo de Deus (Jr 7,23).

Algumas explicações ajudam a compreender o sentido teológico dessa assemblea reunida em torno da Palavra de Deus. Na perícopa em questão, o leitor litúrgico é o “escriba” (*sofér*) Esdras. Ele é o responsável qualificado investido para exercer tal função ministerial em relação ao “livro” (*séfer*) da Lei. Esta relação existente entre o leitor e o livro nos permite adentrar ainda mais nesta dinâmica celebrativa assembleal. Desse modo, Esdras é apresentado segundo a especificidade de seu ministério nesta assembleia pós-exílio. Apesar do texto identificá-lo como um “escriba” (v.1), “sacerdote” (v.2) e um “sacerdote-escriba” (v.9), há um destaque, no quadro litúrgico celebrativo desta assembleia, para a intervenção de Esdras como leitor (GIRAUDO, 2008, p.74).

Além disso, o fato mais substancial para a reflexão proposta é o caráter da dimensão cultural desta assembleia. Esta dinâmica é expressa pelo termo em hebraico “*qahal*” que equivale ao grego “*ekklesia*”. Nesse sentido, o termo “*qahal*” possui o intuito de uma convocação nos moldes daquela assembleia por excelência, a reunião as bases do Sinai, onde o povo recebe a Lei e sela uma aliança com Deus por meio de um sacrifício (GELINEAU, 1975, p.48).

Estes dois termos exprimem que esta reunião é um momento litúrgico onde, “todos os que são capazes de avaliar a importância teológica da Palavra de Deus, distinguindo-a das palavras comuns” (GIRAUDO, 2008, p.74) são convocados para ouvirem o livro da Lei trazido por Esdras diante da assembleia congregada. O fato de ser uma “*qahal-ekklesia*” é o dado mais significativo do ponto de vista de uma teologia do sinal-assembleia, pois, evoca o sentido primordial da assembleia, ou seja, o seu caráter de povo congregado na e pela Palavra de Deus. É deste modo que o povo se compreende como “*qahal Adonai*”, que quer dizer “povo de Deus reunido em assembleia santa” (BOSELLI, 2014, p.57). Esta imagem reforça a profunda relação existente entre a assembleia congregada, o livro da Palavra de Deus e o leitor que a proclama de forma solene.

Outros elementos, tais como o próprio ato de proclamar de forma solene; o local próprio (ambão) para o livro da Lei e; o ato de bendizer a Lei com uma resposta unívoca (amém), são esses componentes que enriquecem os múltiplos tesouros de uma teologia que emerge essencialmente do dado assembleal, ou seja, que reverbera na vida daqueles que ouvem, acolhem e celebram o evento salvífico no hoje das comunidades reunidas em torno de uma mesma palavra.

1.2 UMA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA NO NOVO TESTAMENTO: LC 4, 16-21

A sinagoga é o lugar por excelência da proclamação solene da Palavra de Deus. Ela tem sua configuração estabelecida durante os tempos do exílio babilônico, tendo em vista que os judeus exilados não tinham mais acesso ao Templo de Jerusalém (NEUNHEUSER, 2007, p.46). Diversas perícopes bíblicas apontam, de modo sintomático para o anúncio da Boa Nova (Mt 4,23; Mc 1,21; Jo 6,59; At 9,20).

O elemento primordial da liturgia sinagoga é o ato de “rezar em comunidade”. O termo sinagoga é originário do grego “*sinagogue*” que significa reunião/convocação; o vocábulo, porém, procede do hebraico “*bet ha-kenesete*”, que possui o sentido de “casa da assembleia”. Dada sua importância, a sinagoga pode ser compreendida como a casa de reunião da assembleia que reza, ensina e interpreta a Palavra de Deus de modo comunitário (SANTE, 1989, p.188).

Para o povo de Israel a sinagoga era sinal da presença de Adonai no meio de seu povo por intermédio da sua Palavra confiada a Moisés na Lei. O amor à palavra é cultivado desde cedo na história deste povo eleito como semente de amor do Deus da Aliança. A liturgia das sinagogas está centrada de modo particular na leitura solene do livro da Leitura (Torá), seguida por orações e cânticos intercalares - Profetas e Salmos (SANTE, 1989, p.200). Esta proclamação solene é ouvida pelos fiéis congregados e traz consigo um caráter predominantemente existencial, pois fala ao homem no mais profundo do seu ser, sendo por isso, como uma “lâmpada para os pés” (Sl 119, 105).

Consciente desta realidade, a assembleia litúrgica sinagoga tem seu apoio em uma tríplice estrutura que ordena a ação celebrativa da Palavra e que conduz para o momento

fundamental do encontro com Deus: a rememoração da aliança do Sinai. Os três aspectos dessa estrutura estão intimamente ligados e constituem a vida em torno da Palavra de Deus: a Lei; o culto e; a vida. A Torá é a palavra revelada sempre viva e que procede de Deus; o Culto à palavra é a todo o momento uma atualização e ritualização desta mesma palavra celebrada, constituindo-se como o fundamento da aliança; a vida assembleal é o traço característico fundamental do transcorrer dos acontecimentos em torno dessa palavra traduzida em “obras de amor”, ou seja, é fonte inspiradora e orientadora do modo de se viver da assembleia que a celebra (SANTE, 1989, p.129).

Depois deste breve esclarecimento a respeito do contexto assembleal do povo de Israel no tempo de Jesus, pode-se identificar na conhecida perícopa lucana (Lc 4,16-22), elementos fundamentais para a compreensão da ação do Filho do Homem na celebração da Palavra - a identificação de Jesus com a Palavra proclamada na assembleia e o sentido que isso evoca para o contexto litúrgico são as marcas constitutivas dessa relação, pois, evidenciam a natureza do povo que o escuta, as palavras que Ele diz e os gestos que se utiliza para expressar esta realidade de sinal no meio dos homens.

A conduta de Jesus na sinagoga demonstra uma profunda reverência aos textos sagrados. Aqui, a Palavra está no centro da dinâmica celebrativa. O evangelista narra a entrada de Jesus na “casa de reunião” em Nazaré e o ofício de leitor desempenhado por ele durante a celebração. No entanto, este ofício exige que o leitor, escolhido pelo chefe da sinagoga (At 13,15), seja um verdadeiro “conhecedor do assunto” abordado. Tal são o conhecimento e reconhecimento de Jesus com a Palavra proclamada que, na sua identificação, ele dá seu cumprimento de maneira categórica e precisa (Lc 4,21).

Os gestos executados pelo leitor Jesus, a saber, a entrega e desenrolamento do livro antes da leitura; a devolução quanto terminada; o lugar onde os pergaminhos são guardados (arca sagrada); manifestam a profunda dignidade do livro sagrado. Toda a dinâmica gestual não é de caráter puramente material ou ritual, mas compreende um intrínseco valor teológico (MORAES, 2010, p.17).

A peculiaridade que a Palavra proclamada possui na celebração, tanto para a sinagoga como para a vida da Igreja hodierna, é a de seu caráter dialogal. Isto quer dizer que, ela é sempre viva e procede de Deus por meio do ministério do leitor. Mediante esta realidade relacional, ela torna-se sinal sempre eficaz da presença dinâmica de Deus que comunica aos homens sua realidade e com eles caminha. Através da proclamação da Palavra por Jesus na sinagoga, ele demonstra ser o grande sinal visível da ação de Deus na história do povo de Israel. A partir dele, “a Palavra de Deus instaura um regime de diálogo” profundo com o ser humano a quem ela se dirige (MORAES, 2010, p.24).

2 O SERVIÇO DA PALAVRA NA ASSEMBLEIA LITÚRGICA CRISTÃ

A Igreja nascente, a partir da herança judaica, proclama o acontecimento salvífico de Jesus Cristo. Com base nisso, ela cria novas formas de culto apoiadas nos ensinamentos e na

vida do Senhor. Este processo está fundamentado na vida cotidiana dos apóstolos, voltada sempre à comunhão fraterna (At 4,32-35). Como visto anteriormente, a realidade litúrgica da Palavra encontra suas origens na liturgia própria do povo de Israel, especialmente na reunião sinagoga (SANTE, 1989, p.250). Deve-se, pois, salientar que, Jesus é o modelo desta tradição assim como é também o enviado do Pai. Deste modo, Jesus “é a Palavra que convoca e reúne o povo de Deus” (GELINEAU, 1975, p.72).

Dito isso, a vida religiosa judaica contribuiu para a formação das expressões litúrgicas cristãs, principalmente no que diz respeito às orações e à proclamação solene da Palavra de Deus (NEUNHEUSER, 2007, p.40). Toda ação sacramental da Igreja, tanto no tempo apostólico como no precedente, é primeiro precedida pelo anúncio da Palavra que confirma e dá significado à realidade sacramental da vida do Cristo e do ministério concedido por ele aos Apóstolos como continuadores de sua obra.

Como visto anteriormente, a Palavra dá significado ao que está sendo celebrado. Nas formas litúrgicas apostólicas a proclamação da Palavra de Deus na assembleia reunida adquire uma nova finalidade, tendo em vista seu significado anterior na reunião sinagoga; a partir deste momento, todas as ações litúrgicas são resignificadas e encontram seu sentido nas ações e palavras do próprio Cristo (NEUNHEUSER, 2007, p.48).

São Justino (1995, p.67), através de sua primeira Apologia, pode ser considerado a grande referência destas celebrações litúrgicas incipientes. Por meio dele, fica claro como era celebrada a liturgia dominical do Mistério Eucarístico, já no segundo século da era cristã. Assim o descreve em sua apologia:

No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: “Amém”.

Esta descrição a respeito da celebração litúrgica deixa claro que a Eucaristia é o centro da vida comunitária daquele tempo (JUNGMANN, 2009, p.40). A reunião em torno das duas mesas corresponde essencialmente a íntima relação existente entre elas. Essa característica é fundamental para o entendimento da celebração como um único ato de culto. Evocando, com isso, a profunda relação existente entre o próprio Jesus, na qualidade de Palavra divina, e o mistério da instituição da eucaristia (Lc 22, 19-20).

2.1 UMA DIMENSÃO TEOLÓGICO-MINISTERIAL DO LEITOR LITÚRGICO NA ASSEMBLEIA

A Palavra de Deus sempre ocupou um lugar privilegiado na assembleia litúrgica. No entanto, muitas vezes o seu valor ficou obscurecido e relegado a uma mera ritualidade presente no culto. Esta realidade vem sendo gradativamente convertida desde o Concílio Vaticano II. O documento conciliar que trata a questão litúrgica afirma que a Escritura desempenha um papel primordial na celebração litúrgica (BECKHÄUSER, 2012, p.47). A presença do Cristo no seio da assembleia eclesial reunida é evidenciada tanto na matéria sacramental do pão e do vinho, como também, na proclamação das leituras, sobretudo o evangelho (BECKHÄUSER, 2012, p.24).

Toda ação litúrgica é realizada pela atuação do próprio Cristo que opera a obra da nossa redenção no “hoje” da assembleia congregada. Com isso, ele cumpre a promessa de sempre estar presente no meio daqueles que se reúnem em seu nome para celebrar o mistério de sua paixão, morte e ressurreição (Mt 18,20). Nesta seção, iremos tratar justamente desta atuação redentora do Cristo, enquanto *Lógos* divino encarnado, mediante sua Palavra na liturgia dominical, ao expressar a conexão entre a Palavra de Deus e a ação litúrgica ministerial do leitor na assembleia.

A celebração da Palavra possui um imenso valor teológico-espiritual para a comunidade de fiéis reunidos. É mediante a experiência litúrgico-eclesial que os fiéis são conduzidos a acolher existencialmente a Palavra de Deus em suas vidas, assim como a relação que ela possui com a ação sacramental celebrada – a Eucaristia (MORAES, 2006, p.43).

De acordo com a Constituição dogmática *Dei Verbum*, “a Palavra de Deus, em particular na liturgia, é precisamente o manancial de tudo que precisa ser comunicado ao povo” (DV 25). Este caráter dialógico de Deus para com o povo reunido em assembleia remete instantaneamente ao próprio Jesus, figura central do caminho de salvação das Escrituras. A Liturgia da Palavra reporta-se constantemente a presença do Cristo na ação litúrgica. Mediante esta presença, sempre viva e renovada em espírito e verdade, a palavra proclamada, ressoa nos corações de toda a Igreja que a acolhe como sendo as palavras do próprio Jesus, abrindo-as para o entendimento e seu sentido (Lc 24,44-45). Desse modo, podemos afirmar que, “a assembleia litúrgica é o terreno fecundo e privilegiado para se acolher e responder à automanifestação de Deus por meio de sua Palavra” (SANTANA, 2017, p.252).

Neste íterim, podemos constatar que na assembleia se exprime a dinâmica relacional de Deus com o povo congregado. Assim sendo, as diversas funções ministeriais, sobretudo, o ministério do leitor litúrgico, corresponde a esse intercâmbio da graça de Deus que se comunica aos homens por meio de palavras humanas. De fato, esta relação é profundamente marcada pelo dom do Espírito Santo que é derramado sobre os fiéis para que possam compreender a Palavra que Deus lhes dirige no seio da assembleia litúrgica. Por conseguinte, isso expressa a realidade da liturgia enquanto assembleia aberta a escuta e condução do Espírito. Dentro deste contexto, “a função do ministro que preside e dos seus colaboradores é de ajudar

a assembleia a se pôr em atitude de escuta das leituras bíblicas com capacidade interpretativa, a fim de que cada um entenda o que Deus lhe quer comunicar” (MORAES, 2006, p.44).

A Liturgia da Palavra não é apenas uma parte ritual que antecede a Liturgia Eucarística. Mas sim, um elemento essencial da liturgia, compreendida como um todo. “A Missa consta, por assim dizer, de duas partes, a saber: a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, tão intimamente unidas entre si, que constituem um só ato de culto” (IGMR, 2008, p.43). De acordo com o Papa Bento XVI, o Concílio Vaticano II, ao propor a reforma litúrgica, mostrou o quanto é importante a “revalorização da índole própria da Liturgia da Palavra (...) como anúncio da Palavra de Deus que se dirige ao homem e o chama” (ASSUNÇÃO, 2016, p.105).

No contexto da assembleia litúrgica, podemos perceber que, todas as ações ministeriais são exercitadas em favor da comunidade eclesial que em vários momentos intervém manifestando a sua participação ativa e consciente. O louvor perene do Corpo de Cristo congregado manifesta, sob a sinergia do Espírito, o dom que é celebrar a vida cristã em sua expressão mais original e viva, a assembleia litúrgica.

CONCLUSÃO

A celebração da Palavra compreende o fundamental aspecto histórico e teológico da liturgia cristã, a celebração da Aliança com Deus. Deste modo, o valor imanente da celebração litúrgica da Palavra se torna via de constante diálogo entre o Deus que comunica sua vida aos homens por meio de seu Filho Jesus e a assembleia reunida em memória de sua ação redentora.

A liturgia da Palavra possui um caráter intrínseco à história do povo de Israel que é herdado pelos primeiros cristãos da época de Cristo. Neste contexto, a celebração litúrgica da Palavra retira seus fundamentos tanto da liturgia do antigo Israel, como também da comunidade dos Apóstolos reunidos após o evento pascal. Este “lugar privilegiado” da Palavra é o valor imprescindível que o Concílio Vaticano II tem resgatado para a Liturgia da Palavra nos dias atuais. De tal forma que, a importância da Palavra de Deus no “hoje” das comunidades, é evidenciada no encontro dominical com o Cristo sacramentado, tanto em Sua Palavra proclamada, como também na Ceia Eucarística.

Deste modo, a assembleia constitui-se nitidamente como o lugar teológico por excelência para a escuta e interpretação da Sagrada Escritura, tal qual faziam os Padres da Igreja nos primeiros séculos. A teologia cristã nasceu desta fonte comunitária. É na liturgia que a vida encontra sua mais significativa expressão como desejo de Deus em congregar e reunir o seu povo ao redor da mesa da Palavra e do Pão. Voltar-se para esta Palavra é inclinar-se para ouvir o próprio Deus que nos fala no mais íntimo dos corações. E, enquanto assembleia litúrgica, celebra-se aquilo em que se crê, por meio desta mesma Palavra ouvida da boca do Cristo, e confiada por ele aos Apóstolos e hoje a nós, pela boca de seus ministros.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Rudy Albino De. O Sacrifício da Palavra: A liturgia da missa segundo Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2016.
- BECKHÄUSER, ALBERTO. Sacrosanctum Concilium: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BOROBIO, Dionisio et al (Org.). A celebração na Igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BOSELLI, Goffredo. O sentido espiritual da liturgia. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- COLA, Gustavo Correa. O sacramento-assembleia: Teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis: Editor Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília: Edições CNBB, 2008.
- DÍAZ, José Luis Sicre. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- JGELINEAU, Joseph. (Org.) Em vossas Assembleias. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.
- GIRAUDO, Cesare. Admiração eucarística: para uma teologia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- JUNGMANN, Josef Andreas. Missarum Sollemnia: Origens, Liturgia, História e Teologia da Missa Romana. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORAES, Antônio José De. Celebrar a Eucaristia hoje: Liturgia e Ministérios. Rio de Janeiro: Editora Nossa Senhora da Paz, 2006.
- MORAES, Antônio José De. Liturgia e Palavra: Para uma pastoral litúrgica da Palavra de Deus. Rio de Janeiro: Editora Nossa Senhora da Paz, 2010.
- NEUNHEUSER, Burkhard. História da liturgia através das épocas culturais. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- NOCENT, Adrien. A leitura da Sagrada Escritura. In: GELINEAU, Joseph. Em vossas Assembleias. São Paulo: Edições Paulinas, 1975. Páginas 171-184.
- PAULO VI. Constituição dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 12 out, 2021.
- ROMA, Justino de. I e II apologias: diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.
- SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Bíblia e Liturgia: da Dei Verbum à Verbum Domini. ATeo, Rio de Janeiro, v. 21, n. 56, p. 243-263, mai. /ago.2017
- SANTE, Carmine Di. Israel em oração: As origens da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 1989.